

O QUE AFASTA O HOMEM DE DEUS

Por Swami Paratparananda¹

Editorial² da revista em inglês *The Vedanta Kesari* – dezembro 1965

Os psicólogos da Índia de antigamente sabiam que os sentidos do homem não eram infalíveis, mais ainda, eles foram definitivos em dizer que os sentidos eram facilmente enganados pela Senhora Natureza. Eles sabiam que algo estava entre nós e as coisas vivenciadas e que nos faz percebê-las em um estado diferente. No *Sāṅkhya Kārikā* nos deparamos com uma passagem onde o autor enumera as diversas razões pelas quais o homem não consegue perceber os objetos. Essas mesmas razões podem ser dadas para explicar porque vemos o mundo não como ele é, mas de outra maneira bem diferente. A passagem é assim: “Devido à distância extrema, a extrema proximidade, deformidade dos sentidos receptores, uma falta de receptividade mental, sutileza, velamento, supressão ou tornar-se um com o que é semelhante, a não-percepção é possível.”³ Podemos, à luz das descobertas da ciência, acrescentar mais algumas razões para não estarmos bem informados da situação exata em que nos encontramos. Tomemos os fenômenos naturais, por exemplo o nascer do sol. Segundo a ciência, a própria expressão é errada. A ciência diz que a Terra se move em torno do Sol e também em torno de seu próprio eixo e, portanto, resultam os dias e as noites, os meses e as estações. Mas a ideia do homem comum sobre o nascer e o pôr do sol é ingênua, não em consonância com a explicação científica, mas está em voga. De forma similar o homem – como dizem os cientistas da alma, os Rishis, os santos – não vê a si mesmo como realmente é. A experiência sublime desses sábios foi de que aquele Brahman se tornou tudo isso: nosso próprio eu, essas criaturas e tudo o que é visto no universo. O *Chāndogya Upaniśad* diz: ‘Ele (Brahman) pensou, deixe-me ser muitos’.⁴ Novamente, ‘esta mesma divindade pensou, deixe-me entrar nesses devatas (ou seja, fogo, água e terra) por meio do ser vivo, (*jiva*) manifestado como nome e forma.’⁵ Existem muitas passagens no *Śruti* que afirmam este tipo de relação entre o *jiva* e Brahman ou Deus.

¹ Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia.

² “What does Take Man Away from God”.

³ S.K., 7.

⁴ Chandogya, VI.ii.3.

⁵ Ibid., VI.iii.2.

A questão agora é por que não percebemos esta relação. O que nos impede de experimentá-lo? Esta tem sido a busca dos filósofos e sábios através dos tempos e este é o verdadeiro propósito da religião: descobrir quem somos, de onde viemos e para onde vamos. O *Advaitin* [monista] lhe dirá que é devido à *avidyā*, ignorância, que você vê variedade na unidade, e *avidyā* tem sido descrita de várias maneiras. Sri Ramakrishna nos deu uma definição mais simples desta *avidyā*. Ele costumava dizer que egoísmo no homem é *avidyā*. Outra vez ele disse que é luxúria e cobiça. Permanece entre nós e Deus. Agora pode surgir uma dúvida: Será então que esta *avidyā* é mais poderosa do que Deus para se colocar entre Ele e nós? A resposta foi dada pelo próprio Sri Ramakrishna. Ele diz: 'Não é assim. Mesmo uma coisa minúscula pode cobrir um grande objeto'. Ele citou o exemplo do sol - que sabemos ser muito maior do que a própria Terra - e que pode ser evitado de ser visto por um pedaço de nuvem passageira. Podemos, por esse motivo, dizer que a nuvem é mais poderosa que o sol? A nuvem deve muito de sua existência ao sol e não o contrário. Um efeito nunca pode ser maior que a causa. Sri Ramakrishna deixou ainda mais claro esta verdade ao segurar um pedaço de pano entre ele e o público. Ele disse: 'Você não pode me ver agora por causa deste véu. Tal é *avidyā*, esta é a natureza do egoísmo'. Esconde a verdadeira natureza do mundo e até de si mesmo.

II

Como podemos superar esse egoísmo? Se tivermos que prosseguir cientificamente, antes de tudo devemos saber o que o constitui. Os Upanishads falam do *jiva* como dotado dos cinco invólucros, os *pancakośas* - o *annamaya*, *prānamaya*, *manomaya*, *vijñāmaya* e *ānandamaya*. A própria ideia de que estes são chamados de invólucros mostra que eles não são a coisa real. Sabemos que a bainha não é a espada, é apenas um receptáculo para a espada. Da mesma forma, estes *Kośas* não são o ser, nem o *Atman*. Mas como a bainha é um apetrecho necessário para o porte da espada, então esses *Kośas* são necessários para o propósito do trânsito da alma através do mundo da experiência de volta à sua própria natureza.

Os *Kośas* acima são às vezes reagrupados e denominados como os corpos *sthūla* (grosseiro), *sūkṣma* (sutil) e *kāraṇa* (causal). O *annamaya kośa* é o corpo visível grosseiro; o *prānamaya*, *manomaya* e *vijñāmaya kośas* constituem o corpo sutil e o *ānandamaya kośa* forma o corpo causal. Neste reagrupamento ou reclassificação embora o termo bainha foi eliminado, o substituto usado, viz. *śarīra*, corpo, não tem muito mais respeito na filosofia indiana do que a palavra bainha, invólucro. Sri Krishna no Gita compara o corpo a uma vestimenta. 'Assim como o homem descarta as roupas usadas e veste outras novas, da mesma forma o *jiva* (*dehi*) descarta os corpos velhos e decrépitos e

assume outros novos.⁶ Existe o *śariri*, o morador do corpo, para quem o corpo é a casa. Uma casa não se constrói por si mesma, nem por mera finalidade arquitetônica, mas para quem quer uma habitação. Por si só não tem valor. Só porque alguém mora numa casa vale a pena todo o esforço, o trabalho e o custo. Da mesma forma o corpo vale menos que o pó do qual é feito, assim que o morador o deixa. No entanto, tal é a paixão, que o morador interno se identifica com o corpo e se esquece de si mesmo. Esta sobreposição do corpo insensível à entidade consciente (o ser) e vice-versa, ou seja, a mistura de verdade e falsidade é a base natural, diz Śrī Śankara, de todas as transações neste mundo.⁷ Não saber sobre isso é o que constitui ignorância e a identificação de si mesmo com qualquer um dos três corpos acima citados é o que é chamado ego (*ahamkara*).

O alcance desse ego é vasto. Como se não estivesse satisfeito com os enfeites desses corpos, ele assume novos. Existem os *upādhis*, os complementos limitantes que comprimem ainda mais nossa alma quando fica apegada a eles. Existem escolaridade e riqueza. Há nome e fama, propriedade e descendência. Se estes *upādhis* não forem devidamente usados, eles certamente usarão o homem de maneira inadequada. Em vez do cachorro abanar o rabo, o rabo vai abanar o cachorro, como diz o ditado. Cada um deles é o suficiente para inchar o ego à proporções infinitas e quando tal coisa acontece, resta apenas um espaço muito pequeno para o *Ātman* ocupar, para Deus se manifestar. Pois seja qual for o nome pelo qual chamamos esse Princípio Consciente, de acordo com a nossa inclinação para *Advaita* ou *Dvaita* [dualismo], tem que ser aceito com base na autoridade de *Śruti* e *Smṛiti* que este Princípio vive no homem. O *Brhadāranyaka Upanisad* diz: 'Aquele que vive em todos os seres, mas está dentro deles, a quem nenhum ser conhece, cujo corpo são todos os seres e que controla todos os seres do interior, é o Governante Interno, este é seu próprio Ser imortal'.⁸ 'O Senhor, ó Arjuna, habita no coração de todos os seres e faz com que eles se movam pelo Seu poder, *Māyā*, como se estivessem montados em uma máquina,⁹ diz Sri Krishna. Mesmo este Ser nós estamos negligenciando e acumulando enfeites e nos enterrando na pilha de sucata a tal ponto que para todos os efeitos práticos, o *Ātman* em nós afunda-se quase na insignificância. Como alguém se referindo às passagens Upanisádicas disse com humor: 'Por causa da preocupação do homem com as outras coisas do mundo, o *Ātman* entrou em um lugar muito secreto e se escondeu¹⁰ no menor espaço no coração.¹¹ Tem medo de ser visto por olhos profanos'. O que

⁶ Bhagavad Gita, II.22.

⁷ Br. Sutra Bhashya, Introduction.

⁸ Br. Up. III.vii.15.

⁹ Bhagavad Gita, XVIII.61.

¹⁰ Kathopanishad, II.12. and III.12.

¹¹ Chandogya Up., VIII.i.1.

acontece por esse processo de aumento de nossos acúmulos é que a espessura do véu que projetamos entre nós e Deus aumenta, até tornar-se muito espesso para que possamos ter qualquer vislumbre d'Ele. Toma a forma de uma parede, uma barreira muito espessa para penetrar.

Um exemplo impressionante de como o ego da riqueza atua foi dado por Sri Ramakrishna. Ele disse: 'Se um ladrão roubar dez rúpias da casa de um homem e for pego, o dono exclama: "Roubou de minha casa!" Primeiro ele pega o dinheiro roubado, dá ao ladrão uma boa surra e não satisfeito com isso, o entrega à polícia'. Por que isso acontece? Porque o homem rico se identificou com sua fortuna. Esse é o ego de riqueza. Sri Krishna descreve isso como *āsuri sampat*, traços demoníacos no homem, assim: 'Isto eu adquiri agora; isso que desejo breve terei; essa riqueza é minha, outras posses também serão minhas em breve. Esse meu inimigo eu já destruí e destruirei outros também. Eu sou o Senhor; eu sou o desfrutador; eu alcancei tudo o que pode ser cobiçado, sou poderoso e feliz. Sou dotado de riqueza; sou de origem nobre; quem mais é igual a mim? Eu vou realizar rituais de sacrifício; darei presentes; irei me divertir'.¹²

III

Como superar esse ego que nos impede de ver Deus? Os *Upanisads* prescrevem o método de discernimento. O que é que vê e percebe as coisas neste mundo? É o Princípio Consciente, o *Ātman* que percebe, enquanto no mundo se acredita que o agregado da mente, os sentidos e o corpo é quem vê, quem experimenta. 'Aquilo que é o ouvido do ouvido, a mente da mente, a fala da fala, a força vital do *prāna* e o olho do olho. O homem sábio O distingue dessas faculdades e elevando-se acima da vida sensorial, torna-se imortal'¹³, diz o *Kenopanishad*. Disto fica claro que não é o olho que vê, mas sim aquilo que mantém o olho vivo; não é a mente que pensa, mas aquilo que mantém a mente alerta. E aquele que reside em todos os seres e os faz viver, mover e ter o seu ser, é Deus. O *Kathopanishad* afirma isso incansavelmente e nega essa experiência a todas as outras faculdades ou entidades. 'Realizando o UM que vê as coisas que estão no sonho e as coisas que estão quando acordado, como o Grande Ser Onipresente, um homem sábio não se aflige.'¹⁴ O significado é óbvio. Aquilo que está em nós e percebe as coisas tanto no estado de vigília como no sonho, esse é o Ser Onipresente, Deus. E percebendo isso como tal, não há nenhuma tristeza. Como observa outro *Upanishad*: 'Onde está a paixão, onde está a tristeza para aquele que vê a

¹² Bhagavad Gita, XVI.13 to 15.

¹³ Kenopanishad, I.2.

¹⁴ Kathopanishad, IV.4.

unidade em toda parte e sabe que apenas seu *Ātman* se tornou todos os seres?’¹⁵ Está muito perto de nós, mas mesmo assim muito longe.¹⁶ Está muito longe para aqueles que se envolveram no mundo. Eles têm que viajar uma longa distância antes que possam alcançá-Lo ou vê-Lo. Mas está muito perto daqueles que têm discernimento, que sabem que só Deus existe em tantas formas. Para eles, está dentro de cada ser, bem como fora deles.¹⁷ Quando essas ideias são repetidamente impostas à mente e quando aprende a assimilar esse fato e a torná-lo seu, ser um só com essa ideia, então o homem fez algum progresso em direção ao seu ideal, em direção a Deus.

Mas deve ser precedido pelo discernimento entre o que é real e o que é irreal. Primeiro temos que descobrir, temos que perguntar a nós mesmos, se riquezas, as posses exteriores – nome e fama – elas são reais? Depois vem o que mais valorizamos, o corpo. Isso é eterno? Não, não é. Agora, quando dizemos que uma coisa é efêmera, algo de uma natureza oposta é aceita como existindo sempre. Então há algo eterno comparado a esta existência. O homem se apega às coisas aqui porque elas são tangíveis para ele e pensa que pode mantê-las. Mas quando passa a conhecer o verdadeiro valor das coisas, deseja alcançar uma morada permanente. Ele ouve sobre os prazeres no céu e busca por eles, pois são mais duradouros do que os [prazeres] da terra. Mas esse não é o objetivo. O céu é apenas este mundo de sentidos multiplicados, por mil ou milhão de vezes, se você quiser, mas quando os prazeres no céu que foram conquistados através do mérito das ações realizadas aqui, chegam ao fim, com os méritos esgotados, aí vem a queda. Portanto os sábios aconselham que mesmo **o céu não é a meta**. Assim, quem anseia pela paz e verdadeira imortalidade, deveria ver a Deus, buscar o conhecimento de Brahman. Essa pessoa deve ter intenso desapego por prazer aqui e no além. Quando por muito tempo, sem impedimentos, são feitos incessantes esforços nessa direção, então o conhecimento do *Ātman* surge, então o ego morre de morte natural. Não tem mais poder para trazer-nos de volta a este mundo. Pois os frutos da ação, que levam ao ser encarnado, são então completamente esgotados.¹⁸ Tornam-se impotentes para frutificar e provocar um novo nascimento para aquela pessoa, assim como a semente frita é incapaz de germinar.

IV

Este caminho pode ser seguido por poucas pessoas escolhidas. O número é de uma minoria microscópica. Qual é o caminho para o homem comum? Sri Ramakrishna diz: ‘Este ego é como a árvore *peepal*, muito difícil de se vencer. Corte-o

¹⁵ Isavasya Up., 7.

¹⁶ Ibid., 5.

¹⁷ Ibid.

¹⁸ Bhagavad Gita, IV.37.

hoje, amanhã novamente surgirá seu broto. Então deixe esse ego intratável permanecer como servo. Então isso não poderá lhe causar nenhum mal. “Eu sou o servo de Deus”. Este ego não é prejudicial’. Mas então deve-se servir aos devotos de Deus e aprender com eles o caminho para alcançá-Lo. As riquezas deste homem são colocadas a serviço do Senhor e de Seus devotos. Ele pode fazer caridade, mas isso não infla seu ego. Pelo contrário, ele fica feliz por ter sido o instrumento na mão de Deus para servir Suas criaturas. É o Senhor quem lhe ordena e ele está lá apenas como Seu servo. Quando alguém consegue cultivar verdadeiramente esta atitude, livra-se do ego imaturo, como Sri Ramakrishna o denomina. O ego maduro também sabe que tudo é Brahman, tudo vem de Deus e vive n’Ele, ou então que é apenas Seu servo e como servo não pode se orgulhar das conquistas alcançadas através dele por seu Mestre, o Senhor, este ego maduro também não tem nada para exibir e, portanto, permanece humilde e subserviente à vontade de Deus. Estas são as duas maneiras de superar o ego. Nesse caso da entrega, de permanecer como servo, o que chamamos de *Karma yoga* também desempenha um grande papel. Deve-se trabalhar, apagando completamente os seus egos, e sem a menor ideia de retorno, recompensa. É apenas para agradar ao Senhor que têm que trabalhar e não reivindicar qualquer recompensa por isso. Sua mente deve estar sempre mergulhada em Deus para conhecer Sua vontade e agir de acordo. ***Bhakti* ou devoção não liberta o homem de suas obrigações no mundo.** Em vez disso, faz com que cumpra essas obrigações com mais consciência e meticulosamente do que antes. Fazendo assim tudo para Deus, estabelecendo a mente n’Ele, curvando-se a Ele e entregando-se de forma completa a Ele, se é capaz de derrubar o véu deste ego e permanecer diante de Sua presença resplandecente.¹⁹ Este é o caminho para voltar a Ele de quem, por um breve período, temos a sensação de que estamos separados. Esta experiência é como a aparência dividida que o oceano apresenta quando um bastão está flutuando sobre ele, enquanto o tempo todo o oceano é um e indiviso. Esta é a natureza do ego. Penetrando e conhecendo-o como tal, iremos além e alcançaremos o Senhor.



¹⁹ Ibid., IX.34.